



## VISTO POR DENTRO

## A austeridade que rende votos



Eva Gaspar\*

Muito europeísta e muita gente que pensa que Portugal ficará melhor fora do euro e até da UE vem há muito tempo admitindo, com emoções naturalmente diversas, que mais cedo ou mais tarde os povos do Sul poderão rebelar-se contra a austeridade excessiva e acabar por morder a mão de quem os tenta levantar do chão, não obstante as condições extraordinariamente favoráveis dos empréstimos europeus. Os resultados das eleições que tiveram lugar nestas últimas duas semanas por esta Europa fora sugerem, porém, que os cenários de ruptura mais prováveis poderão ser precisamente os inversos.

Na Alemanha, ficou ampliada a bancada das forças políticas que construí-

ram a Europa - CDU e SPD. Mas o AfD, o primeiro partido estruturado em torno do desmantelamento do euro, ganhou em escassos cinco meses de existência 4,6% dos votos. Na Áustria, os partidos do "centrão" europeísta - SPÖ e o ÖVP - também conseguiram votos suficientes para renovar uma "grande coligação". Mas tiveram a menor votação desde a II Guerra Mundial, permitindo a entrada no Parlamento de um também novel partido anti-euro, com 5,8% dos votos.

Estes resultados tornam mais provável uma reflexão e debate consequentes sobre o fim do euro nos seus actuais moldes provocados pelo centro - não pela periferia, onde uma coligação de interesses depende muitíssimo de se definir, à priori, um "inimigo comum" e da per-

cepção da dimensão do "exército" disposto a combatê-lo. O projecto morrerá se se perceber que há menos gente do que se supõe disposta a morder na mão de gente que vive mais a Norte. E haverá menos gente se, entretanto, cada vez mais se derem conta de que a mão mais culpada estará, afinal, um pouco abaixo do cotovelo de cada um de nós. E é aqui que entram as autárquicas.

Há uma constatação nova que se pode retirar do que se passou neste domingo: fazer e prometer fazer uma gestão prudente das finanças públicas passou a fazer parte no discurso de quem faz política à escala local. Nalguns casos terão valido votos preciosos.

No Porto, Rui Moreira avançou para a Câmara com o objectivo de preservar

as "boas contas" e venceu com um discurso contra as propostas "populistas e irrealizáveis" do candidato do PSD. Em Lisboa, a proposta de Fernando Seara de cavar mais um túnel e mais dívida também não terá ajudado a roubar votos a António Costa. Em Leiria, Raul Castro do PS reconquistou o voto de muito eleitor porque aliviou em 30% o endividamento da autarquia. Depois, é bem verdade, há sempre notórias - e não tão escassas - excepções. Como a de Oeiras do SATU e dos parques povoados com mais estátuas do que gente, onde 78 mil ficaram em casa e 23 mil deram a vitória a uma sequele mediocre de Isaltino que promete levar o concelho mais à frente com fundos europeus que difícil - e felizmente - terá. \* Redactora Principal